

Conheceis, de certo, a historia pequenina, simples e entretanto trágica, que vive nas melodias de Schubert, que têm o nome de Viagem de inverno.

Um homem, em uma noite fria, brumosa, de chuva e de tréva, despece-se da mulher amada. Insensivelmente, compara a tristêza daquêla despedida com a desolação da terra e o negrume dos céos. Recorda um encontro, um doce encontro com a namorada, em horas boas de amor e de esperanças, em passada e florida primavera; agora, porém, corra-o a noite tétrica, sombriamente sublinhada pelos grasnidos dos córvos. Uma coruja espia-o, com um mau pressagio no olhar enviesado. E o homem sente pesar-lhe sobre a alma o desespero, sente que a desesperança lhe constringe o coração.

Caminhar; sofrer; morrer - é todo o seu destino. Neste momento, da sombra da noite, decemente, suavemente, uma melodia surge, e se espalha, e se irradia. O homem pára, e escuta; é um mendigo, perdido como êle na escuridão da terra, que canta, ao som melancólico da sua gaita. Canta a sua pobreza, a sua solidão, talvez a sua fome; canta como a alma lhe ensina, como o coração lhe dita; é uma pura, genuína cantiga popular, que o mendigo entôa, ao ritmo da gaita, e que semeia harmonias na tréva, re-corta do sons e silencio, constêla a propria noite de pequeninos clarões. E porque o mendigo canta, porque a gaita modula os seus acôrdes longos e sônoros, a esperança retorna ao coração do homem, a paz volve a descer, como uma benção, sobre a sua alma atormentada.

Ele avança, de novo, para a vida, e não para a morte, porque lêva nos seus ouvidos a doçura daquêla cantiga, que o mendigo cantava, na noite ameaçadora e deserta, ao som da sua gaita...

Aí tendes o reconhecimento expresso de um grande musico, como Schubert, do valor, da belêza, do significado moral e social da cantiga popular. Schubert sentiu e compreendeu, com a sensibilidade maravilhosa da sua alma de artista, que o ritmo simples e monotono da gaita do mendigo, e as trôvas da sua canção, eram tambem uma expressão de arte, capaz emocionar a alma humana, de traduzir sentimentos e aspirações, de imprimir novas fôrmas do pensamento, de transformar o desespero em esperança.

Semi-deus da musica de cultura e estudo, Schubert estende carinhosa

mente a sua mão ao velho mendigo da cantiga-rapsôdo espontaneo da alma e do lirismo do povo.

Todo povo canta; mas em Portugal parece que se canta mais... Tenho a impressão que naquelas lindas e risonhas aldeias, do Minho ao Algarve, em serranias ou planícies, ha sempre o som de uma cantiga bailando pelo ar... Não importa que D. Diniz, o rei do Cancioneiro, tenha affirmado que os poetas "soen trovar no tempo da frol". O português, para cantar, não espera, como os passarinhos, a primavera.; canta em todas as estações do ano, e para cada uma das estações, ou para cada um dos mistêres da sua vida, ou para cada uma das suas fêstas, criou a dança e a canção proprias.

Dança a canção; porque em Portugal, pelo que sei, canto e bailado andam quasi sempre juntos. A musica e a vóz são, em verdade, irmãos siamezas, nos "viras", nas "chulas", nas "rabêlas", nos "malhões", nas "farrapeiras", nos "fandangos", nas "tiranas", nos "pauliteiros", nas "alvisares", nos "corridinhos", nos "verdegaios", e tantos outras danças de roda, entremeiadas de cantigas, de uso ainda frequente nas várias regiões de Portugal.

Canção triste, ao sul; canção alegre, ao norte; já pretenderam definir assim o rico e variado cancionero português. A fórmula, simples demais, não parece verdadeira e exata.

Do Minho exereveu o snr. Armando Leça:

"Affirma-se que a provincia natal de Diogo Bernardes só tem cantos alegres. Como se enganham... Enquanto a dobradoira volteia e um pé maternal faz baloiçar o berço, as rédes esburacadas se remendem; enquanto o sól, apagando-se, enche de sombras as azenhas e se espelham nos rios as arvores nêles debruçadas, á lareira não se achegam todos os da casa e não regressa o emigrante, a gente ninhota tambem sabe cantar vagarosamente e sentida; embalos tristonhos, toadas dolentes e seus câoros com a "voz ao da cima", o "botar o alto" ou o "botar o terno".

É que o Minho das rondas, vareiras, malhões, chulas, tiranas e do "deitar a cantiga", tendo fartos pomares, aguarelas ribeirinhas, vales floridos e a alacridade dos vestuarios, tem tambem a linha

montanhosa e calva de além Extremo, recorta-se na linha do oceano, onde se perde o horizonte, e obscurece-se nas manchas escuras de pinheirais sem fim...".

No Algarve e no Alentejo também haverá alegria, em meio da tristeza; porque o motivo predominante, nas cantigas populares de Portugal, é o amor, e tristeza e alegria no amor sempre se alternam...

Uma canção popular adverte:

"Portugal todo inteiro

É uma menda de amores",

e por isso em todo o Portugal se canta de amor, devotamente e lindamente, chegando a quadra popular ao extremo de beleza dessa, entre muitas:

"Fechei na mão um sorriso

Da tua boca formosa;

Quando fui abrir a mão

Vi-a toda côr de rosa".

ou então essa outra:

"Quem inventou a saudade

Não soube bem o que fez...

Fêz a palavra mais triste

Que tem o amor português!..."

Sendo quasi sempre de amor, a cantiga de Portugal haveria de ser essencialmente lirica. "Os primeiros monumentos literarios portugueses são liricos, assevera o professor Marques Braga; encontram-se eles em tres Cancioneiros manuscritos chamados da Ajuda, da Vaticana e da Colocci Brancuti".

Na madrugada da sua formação, a raça já se afirma nesse sentido lirico; e assim ficará, pelos tempos em fóra, atravessando assim o drama da criação da nacionalidade, a epopéa dos descobrimentos, as fases todas da sua evolução.

O povo, em Portugal, têm ballados e canções ruidosas, vivas, cheias de movimento; ele canta com alegria, a caminho das suas romarias; ou nas praias, no arremato do peixe; ou nas suas feiras; ou nas fogueiras de Junho; ou nas vindimas e nas esfolhadas; no varejar da azeitona, da Extre-

madura, no enseiramento, do Algarve, ou nos seus "ranchos" para os trabalhos rurais, no Minho, na Beira Alta e no Alentejo; mas observareis, de quando em vez, mesmo nesses momentos, um suave tom de lirismo, uma leve modulação de tristeza indefinida, um acênto inesperado de saudade, a comprovar o fundo romântico do povo, uma concepção de vida, algo fatalista, que lhe veio, decerto, de Ourique, de Aljubarrota, dos mares imensos e tormentosos que devassou, das aventuras, que viveu, e da nostalgia que lhe ficou, das aventuras...

Depois do Algarve, escreve um folclorista lusitano, vem as ilhas... E as ilhas, neste caso, nos interessam muito, pois que o Rio Grande foi fundado, em maior parte, por ilhéus dos Açores.

Cantam muito, também, os açorianos. Em trabalho do Snr. Manuel Maria de Melo, encontro a seguinte relação de danças e canções populares, comuns a todas as ilhas, embora com variantes: a chamarrita, a fôfa, o pé-zinho, a saudade, os olhos negros, o malhão, a aurora, a sapateia, o manjeriço, o fado, o vira, o baile furado, a canção jocosa a "Gallinha", que põe sete ovos por dia, além das cantigas ao desafio, dos raizados ou das modas, nas festas do Espírito Santo.

"De uma maneira geral, diz o mesmo autor, as canções açorianas tendem mais para a melodia lenta e triste. Não obstante, são diferentes de ilha para ilha, caracterisadas, em S. Miguel, por um sentimentalismo doentio, na Terceira pelo sangue fervente das touradas, pela polícronia viva das romarias, em S. Jorge pela extranha maviosidade de uma canção típica, "O meu bem", em que se encontra este verso, em que resalta a ironia:

"Ó meu amor, se te fôres,
Como dizem que te vais,
Deixa-me o teu nome escrito
Numa pedrinha do cais".

A cantiga ou desafio, como se vê, é comum aos Açores e ao Continente. No "Cancioneiro Alentejano", de Victor Santos, ha esta quadra pitoresca:

"Siés galo alivanta a crista,
S'és frango larga a pinça;
Se o desafio é comigo
Ata os sapatos e fuge."

Acentúo a circunstancia porque pretendo agora, examinando a cantiga popular do Rio Grande do Sul, verificar as suas aproximações, as suas similitudes, os seus pontos de contáto com as canções portuguesas.

No velho Rio Grande muito se cantou ao desafio. Nas nossas festas típicas, havia sempre dois trovadores que, ao repiniquê das viólas, travavam longos e terríveis duélos de rimas, - improvisadôres magníficos que impressionavam pela facilidade, pela espontaneidade de seus versos, como pelo chiste das suas réplicas, pelo tom sarcástico com que intentavam fazer calar o contendor, conquistá a vitória no prelio pacífico, que ~~os~~ obedecia a preceitos invioláveis de tolerancia e lealdade.

Citemos, um exemplo: um gaúcho, em uma festa, vê entrar um conhecido, versejador como ele, e atira-lhe de imediato a pergunta:

- João Bairo, eu sou casado,
Minha mulher é Chiquinha;
Porque não trouxeste a tua
Para d'ela ser vizinha?
Para a minha ver a tua
E a tua ver a minha?

O recémchegado dá-lhe ao mesmo instante a resposta:

- Desta vez eu vim com pressa
Não pude trazer ninguém;
Quando vier, outra vez,
Junto comigo éla vem;
Eu vejo a tua mulher,
Tu vês a minha também--;

Nesse assunto de desafio deparei um fato que é de véras expressivo, como prova documental da semelhança dos cantares de Portugal e Rio Grande. [Simões Lopes Netto, no seu "Cancioneiro Gaúcho", conta que certa vez em Cangussú, em uma reunião de gaúchos, uma mulher improvisava, quando chegou ao local um rapaz, que trazia a tiracólo, como era uso nesse tempo, uma guampa de boi, na qual os viajantes carregavam agua, ou vinho. E que a mulher, então, desfechava contra o viajante essa quadra maliciosa:

- Ó moço do chifre grande

Dônde vem, para onde vae?

Isso é bom que Deus lhe deu

Ou herança de seu pai?...

O rapaz, que era também repentista, mais malcreadamente ainda, respondeu:

- Não é bom que Deus me deu

Nem herança de meu pai;

É um chifre de teu marido

Que de ^{maduro} ~~meu~~ já cas.

O fato, acrescenta Simões Lopes Netto, deu em resultado um sério conflito.

Ha pouco tempo, lendo o "Cancioneiro de Entre Douro e Mondego", de Arlindo de Souza, edição de 1945, á pagina 113, encontrei a seguinte tróva, colhida nessa região de Portugal;

"O chife, que ~~trago~~ ^é cinto,

Nem é meu, nem do meu pai.

É o chifre do teu marido,

Que, de maduro, lhe cai".

Não é semelhança, que aí existe: é identidade, na forma como no conceito, a nos convencer que o gaúcho de Cangussú não improvisou a resposta, limitando-se a repetir um verso que lhe fôra transmitido pelos seus antepassados, oriundos da região de Portugal onde éle era corrente.

A musa popular gaúcha têm, como a portugueza, um acentuado cunho de lirismo. Os seus temas prediletos são o amor e a mulher. Nem mesmo as lutas guerreiras, tão longas e comuns entre nós, Conseguiram predominar sobre esses dois motivos. A propria revolução farroupilha, que durou dez e mais annos, deixou um cancionero pequeno e pobre. A mulher e o amor enchem com o seu fascínio a canção do Rio Grande. E o gaúcho claramente adverte:

Eu quero bem ás mulheres

Porque d'ellas fui nascido

E não quero que ellas digam

Que eu sou mal agradecido.

Para um homem ser bem homem
Só uma coisa se requer:
Ter sempre no pensamento
Mulher, mulher, e mulher.

Ele tem pela mulher um culto desinteressado; gosta dela, por ela, sem outras preocupações, como declara nessa tróva:

Não namoro os teus anéis
Nem os brincos das orelhas.
Eu namoro esses teus olhos
Debaixo das sobrecéllias.

A esses motivos fundamentais - o amor e a mulher - o gaúcho incorpora, às vezes, o cavalo, o seu companheiro de todas as horas, com o qual, na vida campeira, ou nas viagens, ou nas batalhas, ou nas carreiras, ele se identifica. Fa-lo de fôrma que parece irreverente:

Sou gaúcho, já estou velho,
Morro quando Deus quizer.
Dois gostos levo da vida,
Cavalo bom e mulher.

A comparação, na aparência menos delicada, não envolve uma intenção de menospreço. Na trova popular, as comparações que acodem mais facilmente ao espirito do trovador, são as relacionadas com os hábitos da sua vida quotidiana. E o gaúcho as usa frequentemente, como nessa outra quadra:

Vou apartar o meu bem
No rebanho das formosas.
Escolherei trigueirinha,
Que as loiras são engenosas.

No fundo, é um sentimental, esse homem destemido, que vive nas asperezas dos rodeios, das marcações, das tropeadas, ou nos embates terríveis dos entreviros sangrentos.

Nos seus cantos preferidos, ao fim da letra, ha sempre um - ai - que se prolonga, do fênte e tristonho, a traduzir a alma verdadeira do gaúcho o ressaibo de saudade que ele carrega consigo, o fatalismo inseparavel do seu psiquismo de homem cujo destino é jogar a todo o instante a vida, se perder, entretanto, o amor á vida.

A cantiga popular, no Rio Grande do Sul, tenho como fôra de qualquer duvida, é filha directa da cantiga popular de Portugal. O snr. Augusto Meyer, em relação ao cancioneiro do Continente, e a snrs. Cecilia Meireles, em relação ao dos Açores, em trabalhos divulgados na "Provincia de S. Pedro, "desta Capital, comentaram o tema com lucidez e brilho e documentaram ricamente a tóse. São de Augusto Meyer esses comentos:

" No cancioneiro gaúcho ha modismos e motivos, temas ou movimentos líricos que os portugueses, sobretudo os açorianos, passaram de mão beijada aos continentinos. Frequente é o caso de versos que puxem fieira, tanto lá como cá, de motes que sorvem de muleta poéticas, ou imagens gravadas facilmente na memoria e que trazem de arredo outras imagens familiares, é claro que muitas vezes adaptadas ao gosto novo, mas conservando, em essencia, o sabor atlantico das suas origens. Era costume, no fim dos desceantes, de um baile ou qualquer festa, cantar a despedida em verso; daí o nosso inevitavel:

"Eu vou dar a despedida"

que repete o portuguessimo - "Vou deitar a despedida" -, ou simplesmente, em versões do Alentejo - "Despedida, despedida..." - O verso - "Atirei num linho verde" -, cantado tambem com a tónica do Boi Barroso, é puramente português."

Lembra ainda Augusto Meyer que entre nós é conhecida a trova:

"Se fordes a Cachoeira
Levai contas de rezar;
Cachoeira é purgatorio
Onde as almas vão penar".

Copia quasi perfeita da quadra portuguesa, colhida por Gallop nos "Cantares do povo português":

"Se fores a Landim
Leva contas a rezar,
Que lá é o purgatorio
Onde as almas vão penar".

Do trabalho da snrã Cecilia Meireles constam numerosas quadras, idoi

ticas, algumas, de profunda semelhança, outras, correntes nos Açores e no Rio Grande.

Na ilha de S. Miguel:

Amar e saber amar
São dois pontos delicados;
Os que amam não tem conta,
Os que sabem, são contados.

No Rio Grande:

Amar e saber amar
São dois pontos delicados;
Os que amam são sem conta;
Os que sabem, são contados.

Na ilha do Pico:

Até onde as nuvens girem
Vão meus suspiros parar,
E tu, tão perto de mim,
Sem me ouvires suspirar.

No Rio Grande:

Até onde as nuvens girem
Vão meus suspiros parar;
E tu, tão perto de mim,
Não me ouvires suspirar.

Na ilha de S. Miguel:

Atirei uma laranja
À porta da sacristia,
Deu na prata, deu no ouro,
Deu no amor que eu queria.

No Rio Grande:

Atirei um linho verde
Por cima da sacristia;
Deu no cravo, deu na rosa,
Deu na moça que eu queria.

Na ilha de S. Miguel:

Antes eu nunca te vira
Nem em ti amor pusôra;
Penas não padeceria
Se eu de ti nunca soubêra.

No Rio Grande:

Antes eu nunca te visse!
Te visse e não te quizesse!
Trabalhos não passaria
Se eu de ti nunca soubesse.

Longe iríamos, na citação de tais exemplos. Os que aí ficam, porém, bastam para demonstrar a afirmativa inicial da filiação do cançãoiro gaúcho ao português. Mesmo em certas canções e danças a que se insiste em atribuir origem diferente, a conclusão será a mesma. Teima-se em dizer que a "tirana," muito cantada outrora no Rio Grande, aqui nos chegou por intermedio do Prata. É um caso típico da falada influencia hespanhóla.

Entretanto, um exame mais detido da questão nos levará aos seguintes resultados: no Uruguai não se conhece a "tirana", que na Argentina tambem não conquistou jamais os fóros de canção popular, e que em Portugal ella é dançada e cantada, até hoje, em Ponte de Lima, em Viana do Castelo, em Guimarães, em Vila da Feira, em Ovar, sendo que em Penafiel se canta uma variante "Já vi uma tirana".

Em Condeixa-a Nova, em Escalôa de Baixo, na Collegã, até hoje se dança tambem o Fandango, conforme assevera o snr. Amario Leça em seu livro "Da musica portugêsa".

O fandango, no Rio Grande do Sul, era uma denominação generica de um baile, entremiado de cantigas, como em Portugal. Nêle, se dançava e cantava a tirana, o tatú, a chimarrita, a gallinha morta, o amú, o carra-gueijo, o balaio, o cerra-baile, o quero-mans, o feliz-amor, o pinheiro, a recortada, e outros mais.

A chimarrita gaúcha não é mais que uma adaptação da chamarrita açoriana. E a nossa galinha morta, creio, tem sua origem na gallinha, canção dos Açores, de que se aproxima no seu tom jocoso.

Que o fandango, de uso no Rio Grande como em grande parte do Brasil